

SEU BOLSO
PÁGINAS DE 6 A 11

Negócios & FINANÇAS

Hora de planejar o futuro

■ Estabilização torna problemas do país mais visíveis e reduz a importância do combate à inflação

CARLOS FRANCO E SONIA JOIA

A relativa estabilidade dos preços criou uma situação extremamente favorável no país para que os problemas reais da economia se tornem visíveis e possam ser enfrentados. A agenda de curto prazo, focada no combate à inflação, começa a se deslocar para o longo prazo. Os saltos e percalços dessa difícil travessia mobilizaram as discussões entre os economistas Dionísio Dias Carneiro e José Márcio Camargo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Antônio Salazar, da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central e professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec) e o deputado federal José Genoíno (PT-SP), no Balanço Mensal promovido pelo JORNAL DO BRASIL.

A melhor imagem da situação atual foi criada por José Márcio: "É como se você estivesse viajando em uma estrada cheia de buracos, tão preocupado com os buracos, que nem sabe mais para onde vai. O país estava mais ou menos desse jeito. Um burquinho ali, você tinha que se desviar; voltar. De repente, veio alguém e asfaltou a estrada. Acabaram-se os buracos, você começa a olhar para a frente e aí não sabe para onde vai de verdade. Você olha e diz: O que vou fazer? Decidir para onde ir é mais complicado do que pensar em como sair do buraco."

Para Dionísio Dias Carneiro, "a grande novidade hoje é que não há nada que esteja perturbando de forma desastrosa a economia nos próximos meses". O que torna os verdadeiros problemas mais explícitos. E destaca a necessidade de mudar as expectativas com relação a atitudes milagrosas. "A grande mudança da reforma administrativa, a meu ver, é a mudança na cara do Orçamento do governo, que só vai se transformar na principal peça de discussão de prioridades na hora em que deixar de ser uma discussão de especialistas para virar o assunto principal do Congresso."

Nessa discussão de rumos e prioridades, José Márcio chama a atenção para o fato de que as decisões são muito mais políticas do que econômicas. E aí está o principal entrave do momento: "O Brasil tem uma herança de autoritarismo, que foi reforçada em 64, que nos deixou um presidencialismo imperial muito forte. O que, paradoxalmente, significa que ele tem muito pouco poder. Como ele pode fazer tudo, ele acaba sujeito a pressões de todos os lados."

Tudo começou, segundo José Márcio, com a anistia dada por Fernando Henrique ao senador Humberto Lucena logo no primeiro dia de seu mandato. "O presidente começou a ter problemas quando resolveu anistiar o senador Lucena, pois deu o sinal de que estava disposto a negociar, inclusive a sua história política, para poder aprovar as reformas", argumentou.

A tese da reeleição, que beneficiaria o presidente Fernando Henrique, não encontrou eco no debate. Dionísio, apesar de achar que a reeleição facilitaria a estabilização da economia, o concorda que ainda estamos vivendo o imediatismo: "A pauta é a pauta do buraco."

Para o deputado José Genoíno, a maior dificuldade em sair do imediatismo e discutir realmente as prioridades do país está na incapacidade do governo de assumir derrotas: "A reforma da Previdência virou muito mais um problema político para o prestígio do presidente Fernando Henrique."

Na estratégia de longo prazo, onde são necessárias decisões políticas, é impossível evitar o enfrentamento. As reformas que realmente mudam alguma coisa, nas palavras do deputado, são aquelas que "sangram". "As reformas administrativa, previdenciária, tributária e fiscal sangram, sai sangue podre ou não, mas sai. E esse sangue não sai só do lado corporativo de setores da oposição, sangra no setor patrimonialista que dá sustentação ao governo no Congresso Nacional."

A discussão da reeleição nesse momento criará mais um obstáculo, segundo Genoíno, para a discussão das reformas, mantendo as atenções no "buraco" do fisiologismo. "O PFL não vai dar a reeleição para os governadores do PSDB nos estados importantes, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, sem um preço político. E o PMDB, que hoje é uma federação regional, como é que fica diante disso? Portanto, eu acho que a discussão da reeleição foi uma precipitação política."



BALANÇO MENSAL



"A discussão da reeleição adia a agenda das reformas. Nem a oposição seria capaz de uma obstrução com tanto impacto"

José Genoíno

"É preciso redesenhar o Estado. A queda da inflação deu mais visibilidade ao que estava debaixo do tapete"

Dionísio Dias Carneiro



"O presidente da República tem um poder imperial. Como pode fazer tudo, acaba sofrendo pressões de todos os lados"

José Márcio Camargo



PAUSA PARA O CAFEZINHO

O rebolado

Ao considerar absurda a ideia de que o presidente do Banco Central deveria ser substituído por ser um bom técnico, mas um mal político, Dionísio Dias Carneiro se empolgou: "Que bom que ele é um mal político! Eu acho que quer que o problema seja de rebolado do presidente do BC... O presidente do BC não tem que ser flexível coisa nenhuma. Tem que cumprir suas atribuições da melhor maneira possível e ser demitido quando quem manda nele achar que não está cumprindo".

Self-service

"A votação do Orçamento não é impositiva. O Congresso está votando o Orçamento autorizativo. Por outro lado, os depu-

tados precisam fazer emendas para contemplar suas bases, que ficam a depender de suas relações dentro do governo. E o Congresso não exerce seu poder para mudar o Orçamento e discutir as prioridades e aceitar o jogo de fazer self-service com emenda. Tanta milhões para o deputado...". "Tiraram o quitandeiro...". brincou Dionísio lembrando a CPI do Orçamento.

O viajante

Ainda criticando a disputa dos deputados por verbas do Orçamento, José Genoíno afirmou: "Não teve aquela esculhambação que havia no Congresso. Não teve aquela Sodoma e Gomorra que tinha na época dos anos. Mas a metodolo-

gia não foi uma discussão macro do país. Parece que você só discute o Brasil de século XXI, as reformas quando o Presidente viaja. (riem) Quando você discute o Brasil real, você está discutindo o Brasil do século XIX, do século XXI!"

Será Bom Mesmo?

Comentando a dificuldade de encerrar os problemas encobertos pela inflação, Dionísio lembrou o economista Ignácio Rangel: "Em conversa com o professor Ignácio Rangel anos atrás, eu falava: Ignácio, o bom da inflação baixa é que os problemas vão ficar explícitos, em cima da mesa. E aí, nós vamos brigar em cima dos problemas mesmo. E ele disse: Será que isso é bom mesmo? De fato, será que a sociedade vai preferir discu-

tir esses problemas?"

Meleca na Previdência

O deputado José Genoíno (PT-SP) confessou ter aconselhado o Presidente Fernando Henrique a examinar e mirar-se em Getúlio Vargas para evitar equívocos como a mal sucedida negociação com Vicentinho: "Eu conversei com o Presidente Fernando Henrique, com quem tenho uma relação pessoal saudável como oposição, e disse: Olha, lê um pouco o que foi escrito sobre Getúlio. Quando Getúlio escolhia o sindicato, ele ia até o fim. Quando ele escolhia o Congresso, ia até o fim. Você foi até o meio de campo com o sindicato e depois fez o meio de campo com o Congresso. Meleca! Não dá gol...".